



Letramento crítico e formação integral em uma unidade socioeducativa de internação de Ananindeua-PA.

Critical literacy for integral formation inside a socio-educational detention center for adolescents in Ananindeua-PA.

Monica Silva da Silva Araújo¹
João Gomes Tavares Neto²

Resumo: Trata-se de pesquisa em fase embrionária, desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa e Extensão em Socioeducação e Políticas Intersetoriais, da Universidade do Estado do Pará, que problematiza o processo de letramento de adolescentes em unidade socioeducativa de internação, na Região Metropolitana de Belém/PA. O locus da investigação delinea-se como espaço de interseção entre duas instituições de caráter educacional: a Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará, responsável pelo cumprimento de medida socioeducativa de internação para adolescentes e a Escola Estadual Antônio Carlos Gomes da Costa, escola responsável pela escolarização dos mesmos. O objetivo principal é examinar práticas de ensino e suas possíveis associações com o letramento crítico, de adolescentes privados de liberdade. Adota-se uma metodologia quali-quantitativo; coleta de dados primários e secundários utilizando técnicas de observação direta, cultivo de diário de campo, entrevistas semiestruturadas, e pesquisa documental. Explora-se como fundamentação teórica as categorias: Gêneros textuais, dialogicidade e letramento crítico. Parte-se da definição de gêneros textuais como instrumentos de interação social relevantes para a formação integral desses adolescentes a quem se devem retornar os direitos. Por meio do letramento crítico seria possível ao aluno conscientizar-se de seu papel ativo na busca de significados que os levem a refletir sobre seus propósitos e perspectivas, e opiniões originadas nas comunidades e grupos onde circulam.

Palavras-chave: Letramento crítico; gêneros textuais; dialogicidade; socioeducação.

Abstract: This paper presents a research in its early stages that is being developed within the Grupo de Pesquisa e Extensão em Socioeducação e Políticas Intersetoriais, da Universidade do Estado do Pará. Discusses the literacy process of adolescents that happens inside a socio-educational unit located in the metropolitan zone of Belém-PA. The site of the investigation can be defined as an intersectional field between two educational institutions: Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará which applies the correctional restrictive measures of freedom and the School Antonio Carlos Gomes da Costa that organizes the teaching procedures. The main objective is to analyze the pedagogical actions in that site and the possible connections with the process of critical literacy of those adolescents. The methodology suggested is the quali-quantitative; primary and secondary data collection that uses direct observation, diary writing, previously elaborated interviews and document research. Besides these survey instruments, the theoretical foundations are textual genres, dialogism and critical literacy. It starts defining textual genres as social interactional tools highly important for the integral formation of adolescents whose rights must be restored. Through critical literacy it could be possible for the student to be aware of his active role for searching meanings and also think about their aims and desires and opinions that come from the social environment..

Keywords: Critical literacy; textual genres; dialogism; socio-education.

¹ Especialista em Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Licenciada em Letras. Atua como professora de língua inglesa em unidade de internação socioeducativa para adolescentes em conflito com a lei. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Socioeducação e Políticas Intersetoriais, da UEPA da Universidade do Estado do Pará. Interesse em educação, socioeducação e letramento de adolescentes. Filiação: GPESPI - UEPA/ EEEFM Professor Antonio Carlos Gomes da Costa/ Seduc-PA. E-mail: profamoniaraujo.1@gmail.com. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7978249465524336>. Link Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3646-5681>

² Doutor em Ciências Sociais, mestre em educação e licenciado pleno em ciências sociais. Professor Classe III, da Secretaria de Estado de Educação do Pará, atuando desde 2015, como professor de sociologia para adolescentes em situação de privação de liberdade. É pesquisador do GPESPI – Grupo de Pesquisa e Extensão em Socioeducação e Políticas Intersetoriais. Desenvolve pesquisas sobre educação, socioeducação, mundo do trabalho e trabalho docente. Filiação: GPESPI - UEPA/ EEEFM Professor Antonio Carlos Gomes da Costa/ Seduc-PA. E-mail: gomestavaresnetojoao@gmail.com. Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9190-7238>. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8287989115438157>



Introdução

A prática educativa em uma unidade de internação é tarefa complexa que se define a partir do ordenamento jurídico, conjunto de leis e tratados internacionais cujos princípios são a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e a proteção integral de todas as crianças e dos adolescentes. No Brasil, o atendimento às crianças e adolescentes é regulamentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - (ECA) e pelo Sistema Nacional Socioeducativo - SINASE e contou com participação de diversos atores que compõem o sistema de garantia dos direitos da criança e do adolescente (PEREIRA; JUNIOR, 2016).

No Estado do Pará, a Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará coordena a política estadual da socioeducação e é responsável pela aplicação da medida socioeducativa de privação de liberdade que visa responsabilizar os adolescentes que cometem atos infracionais considerados graves ou gravíssimos e uma sentença de internação que pode variar de 6 meses a 3 anos. Além disso, estabelece convênios com entidades de ensino como a Secretaria de Estado de Educação que, sendo responsável pela medida socioeducativa de escolarização instituiu a escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Carlos Gomes da Costa para atender a esse grupo específico de estudantes. Estes estudantes são recebidos em salas de aula instaladas dentro das unidades em que estiverem designados.

A socioeducação (COSTA, 2001) envolve duas instituições de caráter educacional embora muitas vezes, na FASEPA predomine o “caráter correccional” (TAVARES NETO; TAVARES, 2019), pois enquanto instituição total (BENELLI, 2004), executa a medida socioeducativa de responsabilização máxima ao adolescente que se encontra em conflito com a lei.

Os adolescentes, originários de bairros centrais ou periféricos de diversos municípios do Estado e da região metropolitana de Belém são matriculados em séries das modalidades regulares e em etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e passam a ser chamados socioeducandos. Enquanto residem nas unidades, eles adotam novas práticas sócio-interativas que podem ou não influenciar na redefinição de sua identidade.

Esses jovens cujo “percurso escolar se caracteriza por abandonos de séries e



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

reprovações constantes” (TAVARES NETO; TAVARES; TAVARES, 2021) embora apresentem grandes dificuldades ao longo do processo de aquisição de algumas das habilidades escolares tais como aquelas que envolvem a escrita de textos de acordo com as normas da variante culta da língua portuguesa, trazem consigo saberes e manifestações linguísticas variadas que se expressam por meio de gêneros textuais.

Gêneros, escola, letramento crítico

Segundo Wachowicz (2012), os gêneros são instrumentos que as pessoas utilizam para interagir na sociedade letrada e, por isso são também aprendidos naturalmente, pois cada indivíduo traz consigo uma experiência de letramento: existem folhetos de supermercado, livro de cânticos da igreja, manuais de instrução de montagem de equipamentos e vários outros.

Não é preciso que a escola diga quais os nomes e as funções dos diferentes textos. Então, para Wachowicz (2012, p. 25):

Nessas alturas, alguém poderia perguntar qual seria então o papel da escola. Aí podemos responder o mais óbvio: proporcionar ao aluno a experiência de letramento, mencionada anteriormente, que o insira em atividades de ascensão social. Letramento é experiência com o mundo letrado - desde logotipo de empresas parasitas de nossa vida cotidiana até os textos acadêmicos de elaboração científica; desde as experiências familiares básicas de situação pragmática, como a do pedido, até a experiência de redação de tese de doutorado -, em suas implicações individuais, sociais e políticas. Logo, o letramento é um conceito suficientemente abrangente para abarcar todas e variadas experiências textuais da cultura letrada em nossa sociedade. Saber ler um edital de concurso significa ter a chance de ascender socialmente; saber ler e escrever comunicados institucionais significa ter acesso a essas relações; saber ler e escrever artigos de opinião significa ler o mundo de forma crítica. É isso que se quer dos nossos alunos: letramento para sobreviver - inclusive ideologicamente.

Quando a escola consegue fazer com que o aluno compreenda que sua valorização enquanto sujeito na sociedade está ligada, não apenas aquilo que ele possa produzir com sua força de trabalho, mas à forma como ele se expressa na linguagem escrita em forma padrão, entendemos que este sujeito conquistará o direito de usufruir de bens e serviços que, mesmo que estejam à disposição de todos, somente alguns podem



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

utilizar (GERALDI, 2012).

Então, para que o aluno comece a seguir este caminho de valorização pelo conhecimento escolarizado, cabe ao educador tentar compreender quais são as expectativas do educando em relação ao seu aprendizado e, atentar-se para não descartar os saberes pragmáticos que este traz de sua experiência de vida. É uma tarefa que necessita ser dialogada.

Em Freire (2020), vemos também que esse período de aprendizado na escola, quando mediado pela dialogicidade e visando a humanização, proporciona ao educando o conhecimento que ajudará a transformar sua realidade.

Costa (2001) define o diálogo na socioeducação como um “[...] produto do processo educativo e momento mais alto da relação educador-educando, o momento em que essa relação assume, em grau mais elevado, o caráter de uma relação propriamente humana” (COSTA, 2001, p.91).

Nos espaços de privação de liberdade, e aqui se incluem os socioeducativos, que, embora, não estejam denominados como ‘prisão’, não deixem de se configurar como ‘a mesma coisa’ para os adolescentes, o trabalho educativo formal não é ‘fácil’, assim como também nem sempre será ‘difícil’. Trata-se de uma atividade a ser exercida com compromisso firme tanto por parte do educador quanto do educando ou socioeducando. Nas palavras de (COSTA, 2001, p. 79):

A educação é uma oficina em que educador e educando trabalham uma relação capaz de resultar em instrumentos que possibilitem ao educando, nos planos pessoal e social, exercitar sua liberdade e sua capacidade de comprometer-se consigo mesmo e com os outros.

Porém, importa entender que este compromisso por parte do socioeducando é um ponto a ser conquistado ao longo dessa relação, pois na internação compulsória, o adolescente encontra-se em processo de definição de estratégias e possíveis metas a serem alcançadas, reflexão sobre si e sobre como seus atos anteriores influenciaram para a realidade que ele enfrenta. - Ressalta-se que este indivíduo contará sempre com o auxílio de uma equipe multidisciplinar, pois ele mesmo, na maioria das vezes, apresenta uma percepção confusa sobre seus propósitos de vida.

Na escola que ele passará a frequentar, dentro da própria unidade socioeducativa, todos os dias da semana, os educadores tentarão ajudá-lo a traçar metas de aprendizado



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

e formação integral para que, de acordo com (COSTA, 2001), ele retome sua dignidade e encontre caminhos para desenvolver hábitos que o permitirão compreender conceitos teórico-científicos e a partir disso, adquirir habilidades com as quais ele não teve oportunidade.

Neste artigo apresentamos as considerações iniciais da pesquisa em que se pretende examinar as práticas docentes com a utilização de gêneros textuais que vem sendo realizadas em uma das unidades de internação que funciona no município de Ananindeua, na região metropolitana de Belém do Pará - com alunos de 16 a 17 anos, matriculados em turmas da EJA nas 3ª e 4ª etapas do ensino fundamental - e suas implicações com o processo de letramento crítico de adolescentes.

Buscamos realizar uma análise qualitativa, que conforme (MINAYO, 2002, p. 22): “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”. Trazemos também uma amostra inicial de nossa pesquisa: um breve relato de experiência docente em sala de aula.

Numa das fases importantes do trabalho no campo investigativo de base empírica que é a observação participante (NETO, 1993, p. 59), diz:

A importância dessa técnica reside no fato de que podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais importante e evasivo na vida real”.

Destacamos a importância dos exercícios de leitura e escrita feitos, em sala, no momento das aulas e o nosso entendimento sobre a importância da dialogicidade e humanização no desenvolvimento dessa pesquisa.

Desenvolvimento

Iniciamos o “ciclo da pesquisa” (MINAYO, 2002, p. 26) por uma série de indagações: como promover o letramento crítico em uma escola socioeducativa? Quais atitudes um educador deve ter para ajudar um socioeducando a sair de uma situação de exclusão e vulnerabilidade para uma mudança de sua condição social? Será que o letramento crítico pode mudar essa realidade de exclusão que acontece devido a diversos



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

fatores, que não somente a reprovação escolar contínua? O letramento crítico, na perspectiva de formação integral e humanizadora, também é inclusivo?

Na fase de delimitação da pergunta central decidiu-se investigar as práticas de ensino dos professores da área das linguagens e o que isso implica no letramento crítico de alunos na escola socioeducativa. Não foi muito difícil decidir sobre o problema central a ser investigado, pois está relacionado à realidade do próprio sujeito pesquisador e à sua prática de ensino conforme declara (MINAYO, 2002, p. 17):

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser um problema, se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

A partir de um problema do contexto prático de ensino- aprendizagem, este projeto de pesquisa encontra-se ainda nos princípios da “fase exploratória” (MINAYO, 2002, p.26) que é o tempo que se usa para construir o projeto, definir as categorias para a fundamentação teórica e os objetivos, estudar trabalhos anteriores - sobre ou que estejam - relacionados a temática escolhida, o lócus, os participantes, os instrumentos que serão usados para a realização da coleta de dados

Em seguida, será estabelecido “o trabalho de campo que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento” (Ibidem, p.26). Um dos primeiros instrumentos adotados para a coleta de informações do campo é o diário que contém relatos e anotações de situações vivenciadas no dia-a-dia da escolarização. Essas notas foram tomadas a partir da observação direta das reações dos alunos durante as aulas da própria pesquisadora ou das aulas de seus colegas da área de linguagem, quando existe a possibilidade de compartilhar a mesma sala juntos. Os registros realizados em um diário de campo são pertinentes em todo o processo de pesquisa, pois de acordo com (NETO, 1993):

O diário de campo é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina de trabalho. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas”. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações este diário, maior será o auxílio que fornecerá à descrição e análise do objeto estudado” (NETO, 1993 pp. 63-64).



Ainda se encontra em fase de seleção de material para realização de entrevistas. Na próxima seção de resultados encontrados até o momento, as informações anotadas no diário de campo foram coletadas por meio de conversas informais.

Resultados

Numa unidade de internação socioeducativa de longo período - quando o adolescente é sentenciado ao cumprimento de medida de internação com privação de liberdade que pode variar entre seis meses a três anos, no máximo - a escolarização é uma das medidas socioeducativas mais relevantes para esse jovem.

A educação, enquanto direito nato, ocorre dentro daquele espaço, porém com alguns entraves a serem superados como (PEREIRA; JUNIOR, 2016), escreve:

Os programas de socioeducação são considerados como espaços de educação. Contudo, muitas instituições ainda apresentam, em seu cotidiano, práticas disciplinares marcadas pela cultura repressora, assistencialista e distante da “gramática” de direitos humanos em que a escuta dos adolescentes não se constitui como estratégia pedagógica de ação. Com isso, a instituição e todos que lá atuam (socioeducadores) poderão ser reconhecidos como produtores da violência e da negligência e, por isso, identificados como indiferentes ao exercício e a garantia dos direitos humanos e resistentes a mudanças de concepção, método e gestão da política socioeducativa e das práticas de socioeducação (PEREIRA; JUNIOR, 2016, p. 32).

A prática pedagógica que visa ao processo de humanização por meio do diálogo, aproximação e escuta atenta do adolescente (PEREIRA; JUNIOR 2016; COSTA, 2001; FREIRE; 2020) ainda é pouco valorizada também pelas duas instituições que pactuaram o convênio, seja pelo trato interpessoal dentro da unidade, seja pela própria estrutura oferecida para que as aulas aconteçam. Muitas vezes, a escolarização é desacreditada pelos funcionários da própria unidade e também, as salas de aula encontram-se em condições estruturalmente inadequadas, mesas e carteiras quebradas, faltam materiais didáticos como livros e cadernos. Entretanto, naquele espaço quase inóspito, a educação se destaca devido ao esforço dos professores e socioeducandos, apesar dos percalços cotidianos.



Em qualquer uma das áreas do conhecimento escolarizado, a preocupação dos professores está relacionada, entre outras coisas, ao tipo de material que seria mais interessante ao aluno que mora em uma internação. Em uma das aulas, os alunos estavam ouvindo a música 'Quando eu era moleque' do grupo Zaratrusta,³ que a professora havia baixado na internet. Ouviram atentamente e, ainda, cantaram o seguinte trecho que também é o refrão: "Quando eu era moleque, era tão fácil/ Quando eu era moleque, não era difícil ser um rapper/ Quando eu era moleque, fazia ser fácil/ E hoje eu não sou moleque, e faço meu sonho ser possível!"

Textos, de acordo com (SIMÕES, 2017) - que escreve sobre o uso da semiótica em aulas de produção escrita - podem ser imagens, sons, vozes, gestos, cheiros e tudo o mais que possa nos remeter a leitura e compreensão de uma dada situação ou contexto. Esses são os gêneros textuais variados que se aproximam do cotidiano do aluno e que podem tornar o aprendizado mais interessante para o jovem.

A música e o canto representam um dos gêneros mais atraentes ao educando porque com eles, é possível evocar lembranças e sentimentos. (WACHOWICZ, 2012, p. 25) aponta gêneros como instrumentos que podem ser usados no letramento,

(...) as propostas de trabalho com o texto convergem para um conceito central: o gênero. A partir do que se esboçou anteriormente - que texto é discurso, que as esferas de atividade social humana têm suas opções de comunicação, que esses processos são adquiridos naturalmente e que a escola tem o papel de desvendar ao aluno as experiências complexas de letramento -, o elemento-chave para o trabalho com o texto em sala de aula passa a ser o gênero. (WACHOWICZ, 2012, p. 25)

Naquela aula específica, a professora estava tocando a música para os alunos pois acreditava que essa seria uma boa maneira de incentivá-los a escrever relatos sobre suas infâncias. No primeiro momento, eles falaram bastante sobre si mesmos, mas na aula seguinte, quando precisaram escrever, o fizeram em poucas palavras, inclusive omitindo muito do que haviam dito na aula anterior. A professora pensou que talvez gravar as vozes dos mesmos fosse uma boa estratégia para uma próxima abordagem desse tipo.

Em termos de conteúdo, o ponto gramatical trataria de tempos verbais, no caso, o pretérito imperfeito. As aulas seguintes seriam expositivas e contariam com maior tempo para leitura de textos escritos, mas nesse primeiro momento, ela buscava essa interação

³ Link do video no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=HZqZolBbrKQ>



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

para chamar a atenção dos mesmos. A produção textual foi postergada, pois ela também percebeu que havia certa resistência ao exercício da escrita, os alunos se intimidavam, pois talvez inconscientemente ou como efeito da 'escola de fora' que reprovava continuamente sua linguagem, os alunos entendem que a produção de texto exige mais atenção à ortografia e à escolha de palavras, pois para ser aprovado esse aluno deve devolver ao professor a mesma palavra que foi dita pela escola, ou seja, na forma padronizada ou 'correta' do ponto de vista gramatical e ortográfico (GERALDI, 2012).

Muito se discute sobre o uso de textos e existem sugestões de metodologias e atividades para serem trabalhadas nas aulas de língua portuguesa (ANTUNES, 2009; ANTUNES, 2003; GERALDI, 2012; WACHOWICZ, 2012). Esse movimento conforme define, de acordo com (ANTUNES, 2003). a importância da leitura,

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais do que a simples decodificação de sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 66).

O aluno (leitor) precisa de tempo para compreender o autor para tanto, nem sempre a leitura precisa ser um exercício escolar, mas um exercício para a vida, porém muitas vezes, o educando só encontra tempo ou incentivo para esse exercício dentro da própria escola sob o incentivo do professor.

Por alfabetização, se entende como a leitura de um código linguístico expresso em sua forma escrita, é a leitura da palavra de (PAULO FREIRE, 1921-1997). Para Tagata (2017) a leitura do mundo é resultante do letramento crítico que induz à compreensão de contextos que envolvem o 'eu e o outro' interagindo, travando diálogos. (FREIRE, 2020) destaca que a humildade é um elemento importante ao diálogo: "Não há por outro lado diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo não pode ser um ato arrogante". (FREIRE, 2020, P.111).

(GERALDI, 2012), declara que, é necessário que os professores devam ouvir com atenção e também permitir ao aluno "dizer a sua palavra" (GERALDI, 2012, p. 128) do seu jeito, inclusive na forma escrita (como um autor), pois a linguagem contém traços muito peculiares que indicam origem e contexto socioeconômico de cada sujeito.



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

Assim, identificando possíveis lacunas, no letramento crítico o educador pode ajudar o aluno a entender porque é importante aprender a modalidade padronizada da escola e porque a sociedade, ‘ouve melhor’ aqueles que escrevem na forma padrão. Aos professores nessa relação, num primeiro momento, cabe respeitar e compreender o tempo e as condições em que a outra pessoa da interação se encontra. Por fim, retornamos a (GERALDI, 2012),

É devolvendo o direito à palavra - e na nossa sociedade isto inclui o direito à palavra escrita - que talvez possamos um dia ler a história contada, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas. (GERALDI, 2012, p.131)

Conclusão

Na fase inicial de estudo dos autores da base teórica e coleta de dados, verificamos que as atividades pedagógicas podem envolver estratégias metodológicas diferenciadas. Trabalhar com gêneros é um caminho vantajoso, mas exige tempo para pesquisa e reflexão sobre qual tipo de metodologia deve ser utilizada para não tornar a atividade leitura um ato mecânico que acaba por retirar o significado real daquele instrumento interativo, posto que foi tirado de uma realidade que o socioeducando não está vivenciando naquele momento e, para evitar que se torne uma “atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura (muitas vezes, o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela)” (ANTUNES, 2003, p. 27). Trabalhar com leitura de gêneros diversificados trata-se, portanto, de um desafio ao professor.

No contexto socioeducativo, as aproximações entre docentes e alunos se configuram como passos importantes para o início de uma fase de reconquista da confiança e do interesse do estudante pelos assuntos da escola. Esse adolescente que tem o desejo de falar, expressar-se, ser ouvido e, para isso, utiliza bastante a sua voz e, por isso, a música, o canto e os relatos orais são gêneros que permitem a participação ativa dos educandos nas discussões e debates que o ajudarão a definir o seu projeto de vida, pois se tratam de formas de comunicação utilizadas diariamente por eles.

Compreendemos até agora que um diálogo consistente e proveitoso que promova



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

a inclusão do socioeducando na sociedade só acontece quando o educador estuda e reflete sobre a sua prática em sala de aula, mostra-se presente na vida do educando e disposto a aprender novos modos de ensinar. O letramento crítico exige uma compreensão de realidades com as quais nem sempre estamos familiarizados e, por isso, precisamos ser simpáticos aos modos de expressão e vivências do outro para que se construa o entendimento de que a variante escrita da língua é muito importante, mas não a única forma de expressão que deve ser valorizada pela sociedade.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BENELLI, Silvio José. **A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar**. 2004. Disponível no site: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300008>. Acesso em: 18 ago 2021.

COSTA, Antonio C G da. **Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001. 2ª ed.

COSTA, A.C.G da. **Pedagogia da presença: da solidão ao encontro**. 2ª ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

CRUZ NETO, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 21ª ed.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2020. 49ª ed.

FREIRE. **Pedagogia do Oprimido**. 75ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 75ª ed.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

MINAYO, M.C.S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 jul 2021

PEREIRA, I; JUNIOR, M.M. **A educação em direitos humanos dos socioeducadores de adolescentes em conflito com a lei**. 2016. Disponível no site: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/download/387/176#> Acesso em 22 ago 2021

SIMÕES, Darcilia. **SEMIÓTICA E ENSINO. Letramento pela imagem**. / Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017. Coleção Monografias, Dissertações e Teses. V. Disponível em:



ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T.

https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_mdt/semiotica_&_ensino_2017.pdf

TAGATA, William M. **Letramento Crítico: ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas.** 2017.

TAVARES NETO, J.G; TAVARES, A.G; TAVARES, M.P. **Trajetórias erráticas: abandono, reprovação e persistência, na vida escolar de adolescentes em privação de liberdade.** 2021. Disponível em: <http://leiturasempresidios.org/tag/trajetorias-escolares/>. Acesso em: 18 ago 2021.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise Linguística nos gêneros textuais.** São Paulo: Saraiva, 2012.

Como citar este artigo (ABNT)

ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T. **Letramento crítico e formação integral em uma unidade socioeducativa de internação de Ananindeua-PA.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 9, n. 1, p. XXX-XXX, 2022. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ARAÚJO, M. S. S.; NETO, J. G. T. (2022). **Letramento crítico e formação integral em uma unidade socioeducativa de internação de Ananindeua-PA.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.